

Acerca da historiografia da arte portuguesa Século XX

Margarida Calado

N.R.: Termina neste número a série de artigos da nossa colaboradora Margarida Calado com os quais esperamos não ter encerrado este assunto.

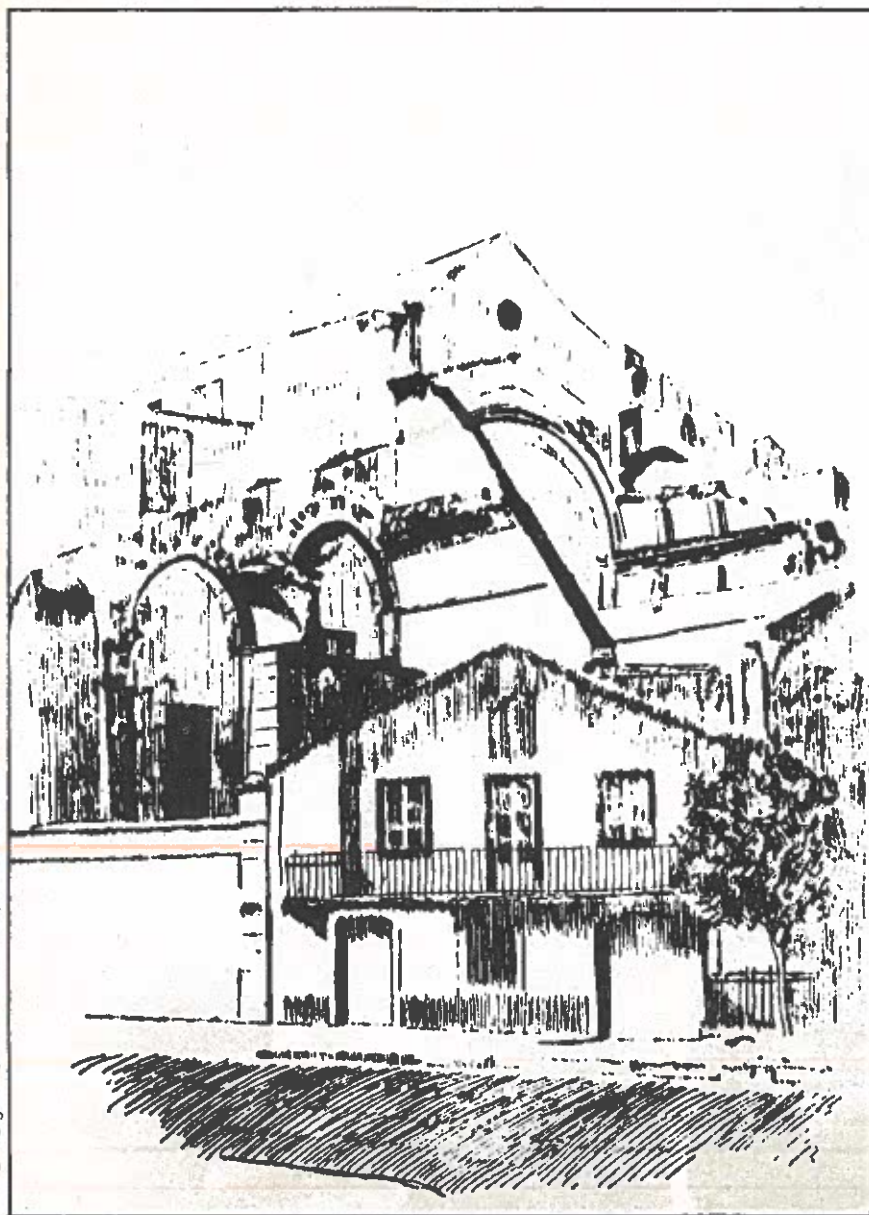
O século XX ficará, no entanto, marcado pela célebre "polémica dos painéis", iniciada com a publicação da obra de José de Figueiredo "Arte Portuguesa Primitiva — o Pintor Nuno Gonçalves", onde se faz uma identificação do autor e das personagens retratadas.

A partir de José de Figueiredo, pondo de parte as preocupações metodológicas de Vasconcelos, a historiografia da pintura portuguesa ficará limitada a duas vias de investigação fundamentais — a identificação do autor e a leitura iconográfica, não procurando fazer a inserção da obra na época, nem o seu confronto com as correntes artísticas contemporâneas ou a sua compreensão em relação à estrutura socio-económica da época.

Numa primeira fase, contudo, a polémica reveste o carácter de uma discussão de fundo acerca do método, que opõe José de Figueiredo a Virgílio Correia que publicou em 1924 "Vasco Fernandes, Mestre do Retábulo da Sé de Viseu". Tal discussão, registada nas páginas das revistas "Terra Portuguesa" (Coimbra) e "Lusitânia", opõe o professor universitário ao que foi director do Museu de Arte Antiga — o que justifica, até certo ponto, as diferenças de perspectiva — mas não é enriquecedora, na medida em que os argumentos são limitados a mútuas acusações. Figueiredo acusa V. Correia de "falta de sensibilidade", de ser um "rato de biblioteca", ao que o último responde: "Não faço história da arte por impressão, mas por documentos, não sou um 'expert', mas um pesquisador".

Figueiredo identificava a função do historiador ao do crítico e do perito, baseava-se na sua intuição, nos seus dons pessoais. Virgílio Correia fazia trabalho de arquivo, muito útil posteriormente, mas esquecia o verdadeiro objecto da História da Arte.

A este propósito parece-nos esclarecedora a posição de Panofsky no seu texto "Problèmes de Méthode" (23), onde a dada altura afirma: "Não se deve confundir 'o apreciacionismo' com 'a atitude do 'connoisseur' nem do 'teórico de arte'. O 'connoisseur' é o coleccionador, conservador de museu ou perito que deliberadamente limita a sua contribuição científica a identificar obras de arte quanto à sua data, à sua proveniência e ao seu autor, a avaliá-las quanto à sua qualidade e ao seu estado de conservação..." O historiador de arte deve também "informar-nos sobre as qualidades formais do quadro, sobre a interpretação do as-



Ruínas da galeria de S. Francisco, em Santarém.

sunto tratado, sobre a forma como ele reflecte o contexto cultural..."

No entanto, devemos ter presente que "a evolução histórica conserva, apesar de tudo, a sua unidade. Esta unidade interna liga estreitamente o económico e o político e subordina-lhes o cultural. O cultural inclui também a arte. Isolar esta última e considerá-la autónoma foi um erro que levou a imprimir grande número de páginas inúteis e a espalhar muitas fórmulas que, vemo-lo hoje, não servem em nada para compreender o que realmente se passou" (24).

Mas os problemas de método não continuarão a preocupar todos os que se irão pronunciar acerca do presumível autor da iconografia dos painéis de S. Vicente. Em 1925, José Saraiva, professor liceal, desencadeará o processo com "Os Painéis do Infante Santo" e até à década de 60, a história da pintura portuguesa girará à volta dessas estereis discussões (25), de cujo teor se afastará a obra de Vitorino Magalhães Godinho "Os painéis de Nuno Gonçalves, Caminhos de pesquisa e Hipóteses de trabalho" (26), onde está manifesta uma preocupação com a significação

sociológica dos painéis, assim como um artigo de José Augusto França, (27).

As investigações sobre pintura portuguesa do século XVI, assentarão essencialmente no critério iconográfico e na tentativa de identificação dos autores e, nesse sentido, se desenvolveram as pesquisas do professor da Faculdade de Letras de Coimbra, Luis Reis Santos (28).

No entanto, um historiador parisiense de origem russa, Miriam Malkiel-Jirmounsky, aparece em oposição clara a esta perspectiva: "Toda a pintura primitiva portuguesa tem por ponto de partida e por tema essencial o culto religioso, a glorificação da fé como tal. É nas diversas tonalidades do pensamento religioso... que é preciso procurar a fonte e a explicação das ideias que dominaram e inspiraram esta arte".

"As pesquisas iconográficas são falaciosas..."

"A pintura da primeira metade do século XVI em Portugal é uma arte colectiva; os processos dos ofícios da Idade Média parecem ter sobrevivido..." E do exame das pinturas

através dos Raios X ou da fotografia à luz rasante, conclui: "As diferenças evidentes no tratamento das pinturas mais aparentadas estilisticamente testemunham a presença de diversas mãos no mesmo quadro", o que torna sem syntido a demasiada preocupação com a identificação do autor (29).

O método sociológico, de forma geral, parece ter-se mantido afastado das linhas de rumo da historiografia da arte portuguesa, apesar de, em 1954-55, a editora Jornal do Foro ter promovido a tradução da História Social da Arte de Arnold Hauser, realizada por Alberto Candeias, Berta Mendes e Antonino de Sousa. Por esta mesma época, um autor ligado ao movimento neo-realista, Mário Dionísio, publica "A Paleta e o Mundo" (2 volumes saídos em fascículos, entre 1952 e 62), obra em que pela primeira vez se cita Francastel e Hauser, sendo o seu conceito de história baseado no deste último.

Entre os historiadores mais recentes, contam-se Mário Tavares Chicó, Artur Nobre de Gusmão, Jorge Henrique Pais da Silva e José Augusto França.

Chicó, falecido em 66, frequentou o



Instituto de Arte e Arqueologia da Universidade de Paris, o Colégio de França e a "École des Chartes" (Curso de Arqueologia Medieval), tendo sido discípulo de Élie Lambert e Focillon, cuja linha metodológica seguiu em "A Arquitectura Gótica em Portugal" (30). Além disso interessou-se pela arte portuguesa no Oriente, tendo tomado parte, em 1951, numa missão de estudo à Índia portuguesa (31); também se dedicou ao estudo da arte portuguesa no Brasil tendo feito cursos e conferências na Universidade do Rio de Janeiro, contribuindo para reforçar as relações culturais entre os dois países. Foi também professor na Faculdade de Letras de Lisboa, entre 1945 e 1965.

Entre os seus continuadores, Pais da Silva, falecido há cerca de um ano e meio, foi também professor nas Faculdades de Letras de Lisboa e Porto e na Escola de Belas-Artes do Porto, tendo diversas publicações no âmbito da história da arquitectura portuguesa, nomeadamente sobre o período maneirista (32)2 distinguiu-se ainda pela sua acção na luta pela preservação do património artístico nacional. A sua morte

prematura, aos 48 anos, deixou sem dúvida um vazio no campo da historiografia da arte e muitas das suas investigações ficaram inacabadas e por publicar.

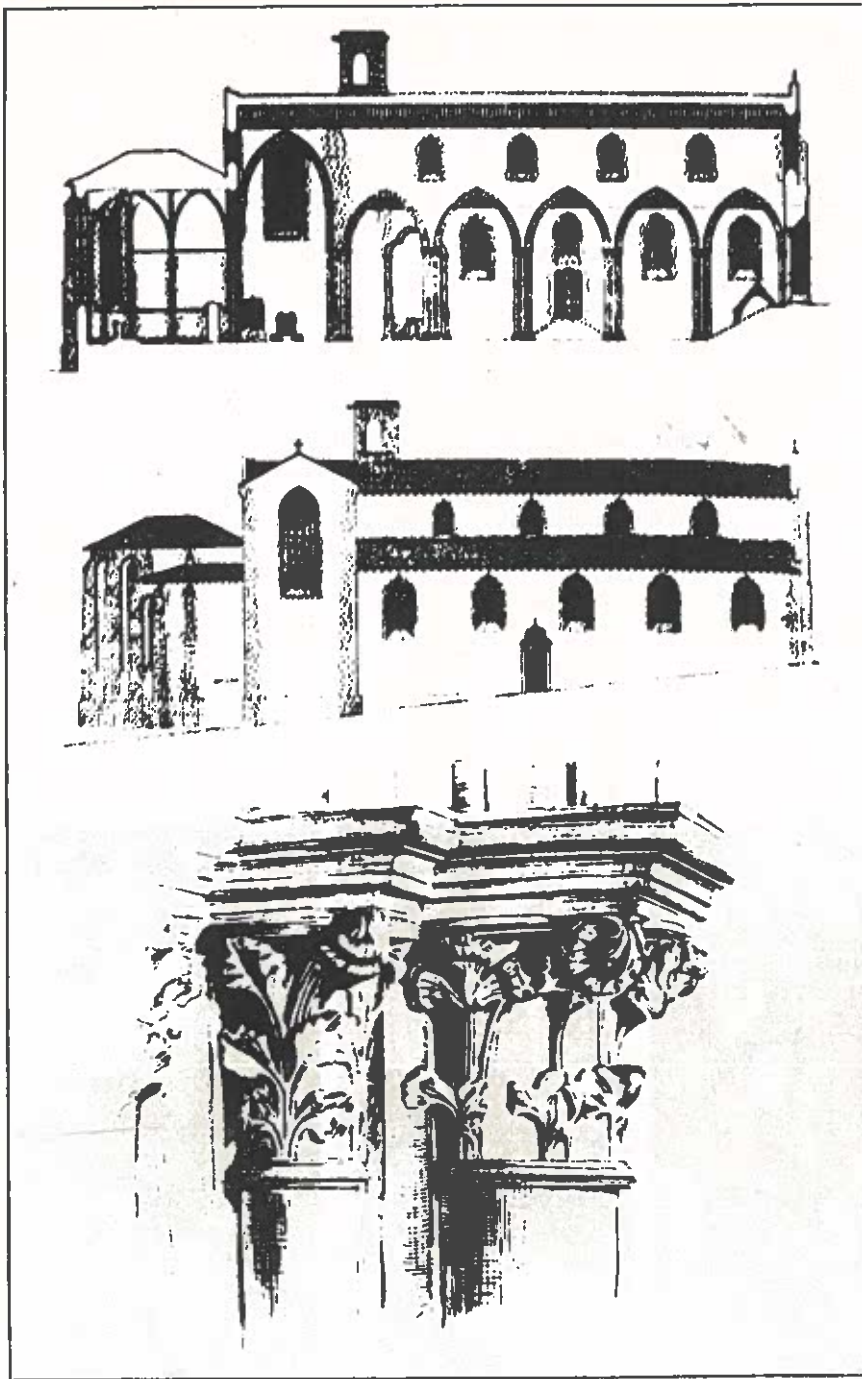
Artur Nobre de Gusmão, que também estagiou em França com Élie Lambert, foi igualmente professor na Faculdade de Letras de Lisboa, na ESBAL e, recentemente, na Universidade Nova de Lisboa. Especializou-se na época medieval encarando o seu estudo numa perspectiva arqueológica. Na sua dissertação para o concurso de professor da ESBAL, sobre cultura românica (33), estuda as influências pré-históricas na arte medieval seguindo um método de comparação tipológica. Outras obras suas incidem sobre a arquitectura da Ordem de Cister em Portugal, que estuda dentro da mesma linha de orientação (arqueológica) (34).

José Augusto França é doutorado em Letras e Ciências Humanas pela Universidade de Paris, com uma tese sobre o Romantismo, é doutorado em História pela mesma Universidade, com a tese "Une ville des Lumières: La Lisbonne de Pombal" e é diplomado em Sociologia da Arte pela École Pra-

tique des Hautes Études, onde foi discípulo de Pierre Francastel. É sem dúvida o historiador que tem mais obras publicadas (35), só ultimamente se tendo dedicado ao ensino, na Universidade Nova de Lisboa. Metodologicamente, encontra-se dentro da linha de orientação iniciada pela sociologia da arte de Francastel, afirmando: "Certamente estamos longe da convenção da 'história social' da arte tal como a praticavam Hauser e mesmo Antal; o desenvolvimento, ou antes, a evolução de certas disciplinas que dizem respeito ao imaginário, mesmo no cerne de métodos imperiosos de ordenação, tornaram impraticável toda a pesquisa mecanicista, exigindo pelo menos mais finura na elaboração dialéctica das redes de correspondências" (36).

Se a posição da historiografia da arte portuguesa, no conjunto das disciplinas históricas, se encontra em relativo atraso, isso se deve também às condições do seu ensino. Integrado até 57 no curso de Ciências Histórico-Filosóficas das Faculdades de Letras, com a reforma desse ano, continuou limitado a duas cadeiras e um seminário (optativo) no Curso de Ciências Históricas;





Fachada Norte, corte longitudinal e capitéis do coro, da Igreja de S. Francisco de Santarém.

para além disso a História da Arte manteve-se subsidiária da Arqueologia, na medida em que o doutoramento se faz em História da Arte e Arqueologia.

A reestruturação posterior a Abril de 74 não alterou substancialmente esta situação, continuando a não existir um curso autónomo.

Também nas Escolas de Belas-Artes existia um percurso de três cadeiras de História da Arte, tendo o currículo aumentado para quatro cadeiras com a reestruturação de 74; em 78, foi reintroduzida a cadeira de História da Arte em Portugal e o percurso tornou-se obrigatório. No entanto, ao contrário do que acontece em algumas escolas

estrangeiras, não existe também aqui um curso autónomo de História da Arte, com possibilidades de prosseguimento de carreira.

Só recentemente criada licenciatura pela Universidade Nova de Lisboa, veio a criar um curso de especialização para pós-graduados, limitado, no entanto, apenas àqueles que tenham possibilidades de continuar a estudar, depois de três ou cinco anos de Faculdade, dada a obrigatoriedade de frequência e a não existência de aulas nocturnas.

História da Arte, que futuro?

Margarida Calado

(23) — E. Panofsky, *L'oeuvre d'art et ses significations*, ed. Gallimard, Paris, 1969

(24) — Ranuccio Bianchi Bandinelli, citado por Nicos Hadjinicolaou, "L'objet de la discipline de l'histoire de l'art et de temps de l'histoire des arts" in *Colóquio/Artes*, nº 17, Abril de 1974

(25) — Adriano de Gusmão, "Nuno Gonçalves", Lisboa, 1957

Armando Vieira Santos, *Os Painéis de S. Vicente de Fora*, 1959

António Belard da Fonseca, *O Mistério dos Painéis*, Lisboa, 1965

(26) — in *Revista de História*, vol. 37, S. Paulo (Brasil), 1959

(27) — "Le polyptyque de Saint-Vincent-hors-les-Murs à Lisbonne, nouvelles voies d'enquête" in *Annales*, nº 3, Paris Maio-Junho, 1962

(28) — *Entre outras obras: Estudos de Pintura Antiga*, Lisboa, 1943

(29) — Malkiel-Jirmounsky, *Vers une méthode dans les études des "Primitifs Portugais"*, Lisboa Livraria Bertrand, 1942

(30) — *Livros Horizonte, Portugal-Brasil*, 1ª ed. 1954, 2ª ed. 1968

(31) — "Algumas observações acerca da Arquitectura da Companhia de Jesus no distrito de Goa" in Garcia de Orta, nº especial, Lisboa, 1956 "Gilt carved-work retables of the churches of Portuguese India" in *Connoisseur*, Fevereiro, Londres, 1956

(32) — "Notas sobre Arquitectura dos Jesuítas no espaço português" in *Museu*, nº 3, 1961, p. 16-23

"Maneirismo" e outros artigos in *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão (4 vols.)

(33) — *Românico Português do Noroeste*, Lisboa, 1961

(34) — *A Expansão da Arquitectura borgonhesa e os mosteiros de Cister em Portugal (Ensaio de Arqueologia da Idade Média)*, Lisboa, 1956

A Real Abadia de Alcobaça, Estudo histórico-arqueológico, Lisboa, 1948, Ulisseia, ed.

— Artigos diversos nas revistas *Panorama Colóquio*, *Lusíada*, *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, *O Instituto*

(35) — J.A. França, *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX*, Lisboa s/d. *Collecção Horizonte 14* (indica as obras do autor sobre arte do século XX)

A Arte em Portugal no Século XIX, 2 vols. Lisboa, Livraria Bertrand, 1966-1967

A Arte em Portugal no século XX (1911-1921), Lisboa, livraria Bertrand 1974 (contém igualmente dados sobre a bibliografia do autor)

(36) — "Le fait artistique dans la sociologie de l'art" in *Colóquio/Artes*, nº 17, Abril de 1974